

# EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)  
Cursos Gerais — Agrupamentos 3 e 4

Duração da prova: 120 minutos  
1999

1.ª FASE  
1.ª CHAMADA

## PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA

Antes de iniciar o seu exame, leia atentamente as instruções.  
Esta prova é constituída por 2 (dois) grupos de questões: Grupo I – 3 (três) questões.  
Grupo II – 1 (uma) questão.

A indicação do número de linhas/palavras tem um carácter meramente orientador do grau de desenvolvimento da resposta.

### GRUPO I

#### INSTRUÇÕES, CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E COTAÇÕES

#### QUESTÕES 1. e 2.

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
  - rigor da análise do texto;
  - coerência lógica do discurso;
  - utilização precisa da terminologia filosófica;
  - correcção da expressão escrita.
- A mera transcrição de frases do texto implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

#### QUESTÃO 3.

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
  - mobilização adequada do conhecimento da obra;
  - coerência lógica do discurso;
  - utilização precisa da terminologia filosófica;
  - correcção da expressão escrita.
- A não manifestação do conhecimento da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

#### COTAÇÃO

|                  |                 |            |
|------------------|-----------------|------------|
| 1. e 2.          | (2 × 25 pontos) | 50 pontos  |
| 3.               | (1 × 70 pontos) | 70 pontos  |
| Total do Grupo I |                 | 120 pontos |

V.S.F.F.

## GRUPO I

- Cada um dos textos/extractos das obras estudadas que a seguir são apresentados é acompanhado de três questões.
- Selecciona **apenas um** dos textos transcritos e responda às três questões que lhe são colocadas acerca desse texto e da obra a que ele pertence.
- Na resposta às questões 1. e 2. deverá utilizar, em cada uma, aproximadamente 10 linhas (cerca de 80 palavras).
- Na resposta à questão 3. deverá utilizar, aproximadamente, 40 linhas (cerca de 320 palavras).

O MESTRE, S. Agostinho

### TEXTO

«AGOSTINHO – Não há dúvida que eu pronuncio palavras, e que estas são constituídas por letras.

ADEODATO – Assim é.

AGOSTINHO – Portanto, e para nos servirmos principalmente da autoridade que nos é mais querida, quando o apóstolo Paulo diz – “não estava em Cristo o *é* [afirmativo] e o *não é*, mas somente o *é* estava n'Ele» (2 *Coríntios* 1,19) – não creio dever-se julgar que fosse este monossílabo, pronunciado por nós ao dizer -*é*, que existia em Cristo, mas sim o que por este monossílabo é significado.

ADEODATO – Dizes a verdade.

AGOSTINHO – Por conseguinte, entendes que quem diz – “o *é* estava n'Ele” – não disse mais que isto: chama-se *é* àquilo que estava n'Ele. Semelhantemente, se tivesse dito – “a virtude estava n'Ele”, não se conceberia que tivesse dito senão – “chama-se virtude àquilo que estava n'Ele”, não se fosse pensar que o que existia n'Ele eram as três sílabas que pronunciámos ao dizer -virtude, e não aquilo que é significado por estas três sílabas.

ADEODATO – Compreendo e vou acompanhando.

AGOSTINHO – Além disso, compreendes certamente também nada importar que alguém diga: isto chama-se, ou, isto denomina-se virtude.

ADEODATO – É evidente.

AGOSTINHO – Então é igualmente evidente nada importar que alguém diga: o que n'Ele estava chama-se *é*, ou denomina-se *é*.

ADEODATO – Vejo que também aqui não há diferença alguma.

AGOSTINHO – Vês também o que quero mostrar?

ADEODATO – Francamente, ainda não.

AGOSTINHO – Pois não vês que -nome é aquilo por que se denomina uma coisa?

ADEODATO – Nada vejo inteiramente mais certo do que isso.

AGOSTINHO – Já vês então que *é* constitui um nome, pois aquilo que estava n'Ele denomina-se *é*.

ADEODATO – Não o posso negar.

AGOSTINHO – Mas se te perguntasse que parte de oração constitui o *é*, julgo não dirias que ele constitui um nome, mas um verbo, embora a razão nos tenha ensinado que *é* também um nome.

ADEODATO – É exactamente como dizes.

AGOSTINHO – Acaso duvidas ainda que também as outras partes da oração são nomes, segundo o mesmo modo como demonstrámos?

ADEODATO – Não duvido, já que confesso que elas significam alguma coisa. Mas se me perguntas como se chama cada uma das mesmas coisas que significam, isto é, como se denomina, não poderei dar como resposta senão aquelas mesmas partes da oração, a que não chamamos nomes, mas que, como bem compreendo, está provado que se deve chamar.»

*In Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval,*  
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp. 76-77

### QUESTÕES

1. Esclareça a dupla função desempenhada pelo «*é*» no exemplo apresentado no texto.
2. Explique em que consiste, segundo o texto, a função específica dos nomes.
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.

V.S.F.F.

114/3

---

### TEXTO

«Como porém disse [o insipiente] no seu coração aquilo que não pôde pensar, ou como é que não pôde pensar o que disse no coração, já que pensar e dizer-no-coração são a mesma coisa? Mas se verdadeiramente, e ainda mais porque verdadeiramente não só o pensou, já que o disse no coração, mas também não o disse no coração porque não o pôde pensar, – não é de um só modo que alguma coisa se diz no coração ou se pensa. De um modo diferente se pensa uma realidade, quando se pensa a palavra que a significa, e de outro modo diferente quando se intelecciona aquilo mesmo que essa realidade é. E assim, do primeiro modo pode-se pensar que Deus não existe; do segundo modo é absolutamente impossível. Na verdade, ninguém que inteleccione aquilo que Deus é, pode pensar que Deus não existe, embora diga estas palavras no coração, ou sem nenhuma ou com alguma significação inconexa. Deus, com efeito, é -aquilo, maior do que o qual nada se pode pensar-. Quem intelecciona isto devidamente, intelecciona sem dúvida que isso mesmo existe de tal maneira, que nem em pensamento pode não existir. Quem por conseguinte intelecciona que Deus existe desse modo, não pode pensar que Ele não existe.

Graças te sejam dadas, bom Senhor, graças te sejam dadas, pois o que antes acreditei por um dom teu, intelecciono-o agora por uma luz que vem de ti, de modo que se não quisesse acreditar que tu existes, não poderia deixar de o inteleccionar.»

*In Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval,*  
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp.140-141

### QUESTÕES

1. Esclareça a diferença entre os dois modos de pensar alguma coisa referidos no texto.
2. Explique por que motivo não pode pensar-se que Deus não existe.
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.

### TEXTO

«Deve notar-se, como diz o Filósofo no quinto livro da *Metafísica*, que com propriedade o ser é afirmado de dois modos: do primeiro modo, [ser] é o que se divide pelas dez categorias [da Lógica]; do segundo modo, é o que significa a verdade das proposições. A diferença entre estes [modos] é que pelo segundo, pode ser afirmado como ser tudo aquilo de que é possível formar uma proposição assertiva, ainda que isso não suponha nada de real. É por este modo que as privações e as negações são afirmadas como seres. Com efeito, dizemos que a afirmação se opõe à negação, e que a cegueira está na vista. Mas pelo primeiro modo, não pode ser afirmado como ser senão o que supõe uma coisa real. E assim, no primeiro modo, a cegueira e coisas semelhantes não são seres. Por consequência, a designação de essência não é tirada do ser que se afirma pelo segundo modo, uma vez que neste são afirmadas como seres certas coisas que não têm essência, conforme se vê nas privações. Pelo contrário, a essência é tirada do ser que se afirma pelo primeiro modo. E assim o Comentador [Averróis] declara nessa mesma passagem que “o ser que se afirma pelo primeiro modo é o que significa a realidade subsistente duma coisa”.

Como ficou declarado, o ser afirmado por este modo divide-se pelas dez categorias. É pois necessário que a essência designe alguma coisa expressa em todas as noções reais, pelas quais os vários seres são colocados nos vários géneros e espécies, como a [noção] hominidade, que constitui a essência do homem; e assim das outras.»

In *Opúsculos Selectos da Filosofia Medieval*,  
Braga, Fac. de Filosofia, 1991, pp. 202-203

### QUESTÕES

1. Esclareça, segundo o texto, a diferença entre os dois modos de afirmar o ser.
2. Explique por que motivo não se pode falar da essência da cegueira.
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.

V.S.F.F.



### TEXTO

«8. Vejamos, pois, de que modo hão-de reduzir-se as demais iluminações cognitivas à luz da Sagrada Escritura. E primeiramente vejamo-lo na iluminação do conhecimento sensitivo, o qual diz totalmente respeito ao conhecimento das coisas sensíveis, devendo considerar-se nele três elementos: o meio e o exercício de conhecer, e o prazer concomitante a este exercício. Se consideramos o meio de conhecer, intuiremos aí o Verbo gerado eternamente e encarnado no tempo. Porquanto, nenhum objecto sensível move a potência cognitiva senão por meio duma semelhança que procede do objecto, como a prole do pai; e isto é geralmente necessário para todos os sentidos, podendo verificar-se dum modo real ou dum modo exemplar (simbólico). Contudo, aquela semelhança não se determina num acto de sentir, a não ser que se una ao órgão e à faculdade; e, quando se une, produz-se nova percepção, e por esta, mediante aquela semelhança, a faculdade de sentir é dirigida para o objecto. E ainda que nem sempre o objecto seja sentido, contudo, gera sempre a sua semelhança quanto de si depende, quando está em sua plenitude. Por este modo hás-de, bem assim, entender que da inteligência suprema, que é cognoscível pelos sentidos interiores da nossa mente, emanou desde toda a eternidade a sua semelhança, que é ao mesmo tempo imagem e prole; e esta, quando “chegou a plenitude dos tempos”, uniu-se a um espírito e a uma carne e assumiu a forma de homem, que até então nunca havia tido; e por seu meio todas as nossas mentes são dirigidas para Deus, ao receberem pela fé no coração aquela semelhança do Pai.»

Coimbra, Allântida, 1970, pp. 30-31

### QUESTÕES

1. Esclareça de que modo, no texto, é explicado o processo do conhecimento sensitivo.
2. Explique de que modo, segundo o texto, o «meio de conhecer» nos permite intuir o Verbo.
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.

### TEXTO

*«7 – Que não poderemos duvidar sem existir, e que isso é o primeiro conhecimento certo que se pode adquirir*

Enquanto desta maneira rejeitamos tudo aquilo de que podemos duvidar, e que simulamos mesmo ser falso, supomos, facilmente, que não há Deus, nem céu, nem terra, e que não temos corpo. Mas não poderíamos igualmente supor que não existimos, enquanto duvidamos da verdade de todas estas coisas: porque, com efeito, temos tanta repugnância em conceber que aquele que pensa não existe verdadeiramente ao mesmo tempo que pensa que, apesar das mais extravagantes suposições, não poderíamos impedir-nos de acreditar que esta inferência EU PENSO, LOGO EXISTO, não seja verdadeira e, por conseguinte, a primeira e a mais certa que se apresenta àquele que conduz os seus pensamentos por ordem.

*8 – Que se conhece também, em seguida, a distinção que existe entre alma e corpo*

Também me parece que este é o meio mais adequado para conhecer a natureza da alma, enquanto substância inteiramente distinta do corpo. Porque, examinando o que somos, nós que pensamos agora que nada há fora do pensamento que seja verdadeiramente ou que exista, concebemos, claramente, que, para ser, não temos necessidade de extensão, de figura, de estar em qualquer lugar, nem de nenhuma outra coisa que se possa atribuir ao corpo, e que somos apenas porque pensamos. Por conseguinte, a noção que temos de alma ou de pensamento precede a que temos de corpo e é mais certa, visto que ainda duvidamos que haja no mundo algum corpo e sabemos, seguramente, que pensamos.»

Lisboa, Guimarães Editores, 1989, pp. 55 e 57

### QUESTÕES

1. Explícite o raciocínio que, segundo o texto, levou à descoberta do primeiro «conhecimento certo».
2. Caracterize, com base no texto, a natureza da alma.
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.

V.S.F.F.

114/7

### TEXTO

«O fim da sociedade religiosa, como se disse, é o culto público de Deus e, por meio dele, a obtenção da vida eterna; eis a que deve tender toda a disciplina; eis os limites que circunscrevem todas as leis eclesiásticas. Nesta sociedade, não se trata, nem se pode tratar de bens civis ou de posses terrenas; não se pode, seja por que motivo for, empregar a força, que é da competência exclusiva do magistrado civil; é do poder deste que dependem a propriedade e o uso dos bens exteriores.

Direis: se nenhuma coacção deve haver, que sanção terão, pois, as leis eclesiásticas? Responderei: a sanção que convém às coisas cuja profissão e observância exteriores para nada servem, se não radicarem no mais profundo das almas e não obtiverem o pleno consentimento da consciência. As exortações, as admoestações, os conselhos são as armas desta sociedade, graças às quais os seus membros devem ser mantidos no dever. Se não são suficientes para corrigir os delinquentes e trazer ao bom caminho os extraviados, nada mais resta do que separar e excluir da sociedade os hesitantes e obstinados, os que não dão esperança alguma de se salvarem. É a suprema e a última força do poder eclesiástico, que não inflige nenhuma outra pena além desta: quebrada toda a relação entre o corpo da sociedade e um dos seus membros, que foi condenado, este deixa de fazer parte da igreja.

Estabelecido isto, examinemos a seguir quais são os deveres que dizem respeito à tolerância. Primeiramente, digo que nenhuma igreja é obrigada, em nome da tolerância, a conservar no seu seio quem, apesar dos avisos, se obstina a pecar contra as leis estabelecidas nesta sociedade; se lhe é permitido violá-las impunemente, acabou tal sociedade, porque as leis constituem as condições da comunidade e o único laço da sociedade. Apesar de tudo, há que acautelar-se em não acrescentar ao decreto da excomunhão nem palavras injuriosas, nem violências, quer contra o corpo quer contra os bens de quem é expulso.»

Lisboa, Edições 70, 1987, pp. 96-97

### QUESTÕES

1. Esclareça, com base no texto, a diferença entre as leis civis e as leis eclesiásticas.
2. Exponha, baseando-se no texto, os fundamentos da legitimidade para excomungar.
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.



### TEXTO

**«26 – Que temos em nós todas as ideias; e da reminiscência de Platão.**

Para compreender bem o que é a ideia, é preciso prevenir um equívoco, porque muitos tomam a ideia pela forma ou diferença dos nossos pensamentos, e deste modo só temos a ideia no espírito enquanto nela pensamos; e todas as vezes que nela de novo pensamos, temos outras ideias da mesma coisa, ainda que semelhantes às precedentes. Mas, parece que outros tomam a ideia por um objecto imediato do pensamento ou por alguma forma permanente, que se mantém quando a não contemplamos. E, com efeito, a nossa alma tem sempre em si a qualidade de representar qualquer natureza ou forma que seja, quando se apresenta a ocasião de nela pensar. E creio que esta qualidade da nossa alma, enquanto exprime alguma natureza, forma ou essência, é propriamente a ideia da coisa que está em nós, e que está sempre em nós, quer nela pensemos ou não. Pois a nossa alma exprime Deus e o universo, e todas as essências bem como todas as existências. Isto harmoniza-se com os meus princípios porque, naturalmente, nada nos entra no espírito a partir de fora, e é um mau hábito pensar como se a nossa alma recebesse algumas espécies mensageiras e como se tivesse portas e janelas. Temos no espírito todas essas formas, e inclusive desde sempre, porque o espírito exprime sempre todos os seus pensamentos futuros, e pensa já confusamente em tudo o que virá a pensar alguma vez distintamente. E nada nos poderia ser ensinado de que não tenhamos já no espírito a ideia, que é como que a matéria de que se forma este pensamento. Foi o que Platão considerou excelentemente quando expôs a sua reminiscência, que tem muita solidez, contanto que a compreendamos bem, a purguemos do erro da preexistência, e que não se imagine que a alma deve já ter sabido e pensado distintamente noutro tempo, o que ela apreende e pensa agora. Também confirmou a sua opinião mediante uma bela experiência, apresentando um jovem a quem leva insensivelmente até verdades muito difíceis da geometria acerca dos incomensuráveis, sem lhe ensinar nada, apenas fazendo perguntas por ordem e a propósito. O que prova que a nossa alma sabe tudo isso virtualmente e apenas tem necessidade de *animadversão* para conhecer as verdades, e que, por conseguinte, tem ao menos as ideias de que dependem estas verdades. Pode até dizer-se que possui já essas verdades, quando se tomam como relações das ideias.»

Lisboa, Edições 70, 1995, pp. 63-65

### QUESTÕES

1. Esclareça os dois pontos de vista, presentes no texto, sobre as ideias.
2. Explique, baseando-se no texto, o processo referido pelo termo «animadversão».
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.

V.S.F.F.

TEXTO

«Ora digo eu: – O homem, e, duma maneira geral, todo o ser racional, *existe* como fim em si mesmo, *não só como meio* para o uso arbitrário desta ou daquela vontade. Pelo contrário, em todas as suas acções, tanto nas que se dirigem a ele mesmo como nas que se dirigem // a outros seres racionais, ele tem sempre de ser considerado *simultaneamente como fim*. Todos os objectos das inclinações têm somente um valor condicional, pois, se não existissem as inclinações e as necessidades que nelas se baseiam, o seu objecto seria sem valor. As próprias inclinações, porém, como fontes das necessidades, estão tão longe de ter um valor absoluto que as torne desejáveis em si mesmas, que, muito pelo contrário, o desejo universal de todos os seres racionais deve ser o de se libertar totalmente delas. Portanto o valor de todos os objectos que possamos *adquirir* pelas nossas acções é sempre condicional. Os seres cuja existência depende, não em verdade da nossa vontade, mas da natureza, têm contudo, se são seres irracionais, apenas um valor relativo como meios e por isso se chamam *coisas*, ao passo que os seres racionais se chamam *pessoas*, porque a sua natureza os distingue já como fins em si mesmos, quer dizer como algo que não pode ser empregado como simples meio e que, por conseguinte, limita nessa medida todo o arbítrio (e é um objecto do respeito). Estes não são portanto meros fins subjectivos cuja existência tenha *para nós* um valor como efeito da nossa acção, mas sim *fins objectivos*, quer dizer coisas cuja existência é em si mesma um fim, e um fim tal que se não pode pôr nenhum outro no seu lugar em relação ao qual essas coisas servissem *apenas* como meios; porque de outro modo nada em parte alguma se encontraria que tivesse *valor absoluto*; mas se todo // o valor fosse condicional, e por conseguinte contingente, em parte alguma se poderia encontrar um princípio prático supremo para a razão.»

BA // 64-66, Lisboa, Edições 70, 1995, pp. 68-69

QUESTÕES

1. Esclareça a distinção feita no texto entre «coisas» e «pessoas».
2. Explique, com base no texto, por que motivo «os objectos das inclinações têm somente um valor condicional».
3. Justifique a importância do extracto na globalidade da obra.

**GRUPO II**  
**INSTRUÇÕES, CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO E COTAÇÕES**

- A sua resposta será classificada atendendo aos seguintes aspectos:
  - apresentação do plano organizador;
  - adequação do desenvolvimento ao plano;
  - pertinência da selecção de conhecimentos da obra para o tratamento do tema;
  - posicionamento crítico/problematizador;
  - coerência lógica do discurso;
  - utilização precisa da terminologia filosófica;
  - correcção da expressão escrita.
- A não identificação do tema e da obra implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A opção por um par obra-tema diferente dos que são apresentados na prova implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.
- A inadequação da sua resposta à questão formulada implicará uma pontuação de 0 (zero) pontos.

**COTAÇÃO TOTAL DO GRUPO II: 80 PONTOS**

Na sua resposta deverá:

- indicar o par obra-tema que seleccionou;
- apresentar um plano organizador;
- expor o modo como o tema é tratado na obra;
- posicionar-se de uma forma crítica/problematizadora perante o tratamento que lhe foi dado pelo autor na obra;
- utilizar aproximadamente 80 linhas (cerca de 640 palavras).

**COTAÇÃO**

|                                |                  |
|--------------------------------|------------------|
| ..... (1 × 80 pontos) .....    | <u>80 pontos</u> |
| <b>Total do Grupo II</b> ..... | <b>80 pontos</b> |

**V.S.F.F.**

114/11

---

**GRUPO II****QUESTÃO**

Selecione apenas uma das obras que lhe é proposta e desenvolva o tema anexo.

| OBRAS  | TEMAS                                       |
|--|---|
| DA NATUREZA, Parménides .....  | Aparência e realidade                       |
| GÓRGIAS, Platão .....  | Poder e saber                               |
| FÉDON, Platão .....  | Imortalidade e ética                        |
| CATEGORIAS, Aristóteles .....  | Linguagem e realidade                       |
| INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA FILOSOFIA,<br>G. W. F. Hegel .....                                | Filosofia e história da filosofia           |
| TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA<br>METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental ..... | Liberdade e determinismo                    |
| A ORIGEM DA TRAGÉDIA, F. Nietzsche .....   | A cultura moderna ocidental como decadência |
| DA CERTEZA, L. Wittgenstein .....  | Verdade e falsidade                         |
| ELOGIO DA FILOSOFIA, M. Merleau-Ponty .....  | Filosofia e história                        |
| OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, B. Russell .....  | Natureza dos universais                     |
| A PROBLEMÁTICA DA SAUDADE, Joaquim de Carvalho ..  | O sentimento na filosofia                   |
| DA ESSÊNCIA DA VERDADE, M. Heidegger .....   | Verdade e liberdade                         |
| TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, P. Ricoeur .....  | Discurso e referência                       |

**FIM****COTAÇÕES**

|                    |                   |
|--------------------|-------------------|
| GRUPO I .....      | 120 PONTOS        |
| GRUPO II .....     | 80 PONTOS         |
| <b>TOTAL .....</b> | <b>200 PONTOS</b> |